

## A filosofia, a dominação

Felipe Luiz

A filosofia é um pensamento da dominação. No duplo sentido que a expressão assume, a filosofia o corrobora; seja como pensamento sobre a dominação, seja como pensamento que é, já, a própria consumação da dominação. Eis nossa tese. O objetivo desse pequeno texto é verificar a validade desta hipótese através da análise tanto de textos filosóficos com o apoio de textos históricos.

A filosofia é grega em sua origem; todo questionamento ou todo pensamento sobre a filosofia deve partir deste fato, se não quiser ser totalmente arbitrário, pois cada filósofo particular definiu a seu modo a filosofia, e todas as definições, mesmo que antitéticas, são válidas, tanto porque se dão no interior da filosofia, tanto porque a filosofia é um saber aberto a si próprio. Sendo grega, cabe a nós uma dupla análise, histórico-social e filosófica, da emergência da filosofia.

O surgimento da filosofia em um contexto cultural grego, já nos indica muito. “constituídas todas as ciências deste gênero [da necessidade e da satisfação], outras se descobriram que não visam nem ao prazer nem à necessidade, e primeiramente naquelas regiões onde os homens viviam no ócio” (ARISTÓTELES, 1979, p. 12). A filosofia, admite Aristóteles, nasceu do ócio, assim, como a matemática, no Egito, nasceu de uma classe sacerdotal ociosa. Não há novidade neste fato, pois fato.

É costume dentre muitos historiadores salientar a genialidade ou “a maravilha que foram os gregos”. Cabe a nós, no entanto, não a apologia, mas o estabelecimento das reais condições gregas de vida, portanto, condições materiais e políticas, que os permitiram desenvolver esse saber, essa maneira de pensar chamada filosofia, ainda que de maneira sumária; cabe a nós vermos qual a natureza dos elementos influentes na cultura grega, sua origem baixa.

Diversos povos concorreram para constituir o povo grego. Os aqueus, os jônios, os eólios, os dórios, os micênicos, os minóicos. Os habitantes originais da região eram os pelasgos, que foram submetidos ao domínio destas tribos invasoras. As variadas *pólis* gregas tiveram, deste modo, sua origem diretamente relacionada a colonização por alguma tribo, ou, quando não, indiretamente, se nos lembrarmos das diásporas, fuga das populações diante da concentração de terra nas mãos de poucos; daí a origem das colônias gregas na Magna Grécia, na Jônia (Ásia Menor), no norte da África e às

margens do mar Negro, no Cáucaso. A *pólis* se origina dos *demos*, congregação das tribos que dominavam a terra. Desta forma, a *pólis* e o povo frutos de uma dominação.

Vale citar que os pelasgos eram uma tribo neolítica, portanto, que seus instrumentos eram feitos de pedra polida. As tribos que sucessivamente invadiram a península balcânica o faziam com base em instrumentos construídos de outro material: bronze, ferro. Deve aqui constar que a última tribo que invadiu a península, os dórios, conheciam o processo de forja do ferro, sendo suas armas deste material. A tribo que “fecha” as ondas invasoras é, assim, guardada com um conhecimento técnico maior; conhecimento que se prestou à dominação plena de um povo.

Atenas, cidade onde propriamente floresce a filosofia, era dividida em várias castas. A classe dominante era a dos *eupátridas*, os homens nascidos em Atenas, geralmente proprietários de terra. Havia ainda os *paralianos*, mercadores marítimos; os *diacrianos*, camponeses; e, por fim, os escravos e estrangeiros, chamados *metecos*. Fundada no período homérico (1200 a. C.- 800 a. C.), o regime político de Atenas foi, em cronologia histórica, a oligarquia, a república censitária e a tirania. Em 510 a. C. inicia-se o período clássico, quando da criação da democracia pelo tirano Clístenes. No entanto, só era apto a participar da *ágora* os cidadãos: homens, livres e nascidos em Atenas; calcula-se que a cidade tinha, nessa época, 320 mil habitantes, sendo que somente 40 mil eram cidadãos. Democracia fundada, pois, em uma dominação dos homens sobre as mulheres, dos livres sobre os escravos, dos autóctones sobre os estrangeiros. Não por acaso, em nosso ver, é nessa época que surge ou, antes, que toma corpo a filosofia pelas mãos de Sócrates, Platão e dos sofistas (HEIDEGGER, 1957).

Atenas era uma potência marítima; isto implica, portanto, em construção de barcos, postos, estaleiros, em técnicas de navegação, de luta naval, de cartografia, etc. Os interesses implicados eram sobretudo de ordem econômico-militar. Atenas se tornou a mais opulenta das cidades gregas porque mantinha rotas comerciais altamente rentosas em todo o Egeu e Mediterrâneo. Além disso foi esse conhecimento técnico que permitiu aos atenienses vencer e submeter os persas; o exemplo mais patente é o da batalha de Salamina (479 a. C.).

A unidade elementar de produção econômica na sociedade grega era o “*oikós*”, que podemos traduzir, grosseiramente, como “casa”. Cabia a esposa, a mulher a administração do *oikós*: coordenar o trabalho agrícola, as questões propriamente domésticas, a limpeza, o trabalho dos escravos. Aos homens, restava a administração dos negócios do estado, as discussões políticas, as assembleias na *ágora*, as ciências

teorética e a guerra. O trabalho físico era coisa de escravos e dos “*technay*” (os artesãos), o cidadão grego – proprietário de terras, dono do *oikós*, homem livre – podia dedicar-se ao conhecimento teórico: a “*philosophía*”. Portanto, a filosofia nasce como efeito, indireto, da dominação econômico política dos cidadãos homens, conforme já dito.

Em suma, resume FINLEY (1985) comentando Tucídides: “a grandeza e o poder helênicos só emergiram em consequência do desenvolvimento sistemático da navegação e do comércio, que precedem uma acumulação de riquezas, uma organização estável da comunidade, o imperialismo (para usar uma palavra anacrônica) e, finalmente, a maior de todas as lutas gregas pelo poder, a Guerra do Peloponeso” (FINLEY, 1985, p. 11).

De acordo com FARRINGTON (1961), a civilização grega manteve contatos de toda ordem com as grandes civilizações pré-helênicas que se concentravam em torno de três bacias hidrográficas, a do Nilo, Tigre-Eufrates e Indo, egípcios, babilônicos e hindus. Com estes povos, ao que consta, os gregos aprenderam tanto a astrologia e a matemática de características egípcias e babilônicas, como técnicas ligadas a confecção de produtos mais imediatos, ligados à sobrevivência biológica. Dos egípcios aprenderam técnicas médicas e cirúrgicas além do contato com o calendário deste povo. O alfabeto grego tem origem fenícia, povo da Ásia Menor. Com os hititas e com os dórios, os gregos aprenderam a dominar o ferro, portanto, fundição deste metal e fabricação de instrumentos mais resistentes e eficientes; notemos que, por sua vez, esta técnica libera alguns indivíduos do trabalho, libera-os para o ócio.

A literatura de origem hebraica também influenciou, certa e pesadamente, os rumos da civilização grega. Longe de serem “maravilha”, coisa caída do céu, milagre, foi com base em trocas materiais, de ordem comercial, possibilitada pelo comércio marítimo, por sua vez disponibilizado pela técnica, que os gregos adquiriram os fundamentos de muitas técnicas, ou elas já dadas.

É óbvio, no entanto, que os gregos criaram. Com os gregos “a mente humana, pela primeira vez, concebe a possibilidade de um número limitado de princípios, deduzindo deles certas verdades que são consequência deles” (FARRINGTON, 1961, p. 10); e “devemos, para maior exatidão, considerar os gregos autores de um rigoroso e lógico corpo de ciência, deduzido da ciência mais empírica e fragmentária dos povos ocidentais” (FARRINGTON, 1961, p. 11). Qual é esse corpo? A filosofia. Quais princípios? Os filosóficos.

A filosofia só pode surgir porque há o ócio. Disto a origem da filosofia: o desenvolvimento técnico é tal que possibilita que alguns homens não trabalhem a coisa física, ócio, mas a teórica, a filosofia; e a partir do conhecimento técnico, do ente do particular, elaboram-se tentativas de conhecimento da totalidade dos entes, do ser: filosofia. Dupla origem técnica da filosofia, pois técnica que libera forças permitindo o ócio e técnicas que inspiram ou denotam a possibilidade de um conhecimento da totalidade. A técnica, bem se sabe, busca a dominação do ente; por exemplo, as técnicas da sapataria permitem que se domine a matéria-prima, visando conformar-lhe de acordo com o molde do sapato, com o fim do artesão.

A filosofia surge da técnica, portanto. Mas há mais, pois não basta que do trabalho sejam alguns liberados, pois a decisão não é coletiva; a liberação do trabalho demonstra já que há uma dominação, pois o abandono de formas comunais, gentílicas de vida, onde o trabalho é coletivo, para formas privadas de trabalho, ou, em outros termos, indica a divisão social do trabalho, braçal e teórico, portanto, divisão da sociedade em classes.

As técnicas que os gregos aprenderam com a demais civilizações também nos dizem algo de parecido. Os babilônios, os egípcios, os hindus, sociedades estamentárias: na pirâmide social, o monarca é o topo, seguido pelos sacerdotes, funcionários públicos e artesãos, abaixo, os escravos. A técnica tem sua realização plena no artesão, o homem que trabalha a matéria-prima por meio da técnica, especialista na técnica; dizemos isto para que possamos notar que a própria técnica, senão em sua origem, torna-se com o passar dos anos, dominada dentro da pirâmide social nas sociedades estamentárias.

Se tratando este de um texto de filosofia, nossa digressão foi longa. Seu objetivo era só um: mostrar a origem técnica da filosofia. Mostramos como a Grécia clássica, origem da filosofia, surge de dominações de toda ordem: étnicas, tecnológicas, sociais; além disso, mostramos como técnicas permitiram aos atenienses dominar e imperializar as demais cidades gregas e toda uma série de povos. Também foi movimento nosso mostrar como a própria técnica é sempre dominação do ente. Por último, foi por nós indicado como a filosofia nasce da indução dos saberes empíricos. Consideramos, assim, que o objetivo da filosofia é ser técnica da totalidade, saber que sabendo ou buscando saber a configuração e o próprio ser, tem como fim último explicá-lo ou explicitá-lo visando dominá-lo tal qual a técnica mais empírica o faz. Agora nos compete trabalhar este aspecto sob o ponto de vista de que a filosofia, em sua origem, se propõe como técnica da totalidade dos entes, no sentido específico que damos aqui.

Dentre toda a filosofia grega, qual a primeira palavra filosófica conforme nos informa a tradição? “Tudo é água”, é esta a palavra de Tales de Mileto (SOUZA, 1978). Um princípio geral, o mais amplo, aquilo que funda, originário, e que mantém o vicejar do ser ; a *physis* “ es el ser mismo, en virtud de lo cual el ente llega a ser y sigue siendo observable (...) la fuerza imperante que sale y el permanecer regulado por ella” (HEIDEGGER, 1959, p. 52, 53). Dizer qual o princípio e vigorar de todas as coisas é dizer tudo que, em fundamento e em sendo, é cada coisa particular. Portanto, conformar o ser do ente ao sentido da palavra filosófica, dizendo de tudo. Ao mesmo tempo, dizer do mais amplo, do ser mesmo, pois “tudo é água”, e dizer do mais particular, pois cada ente, menor que seja, compõe o tudo, totalidade dos entes, ser. Assim, dizer a unidade das coisas é dizer-lhes seu ser, dar-lhes sentido e dar-lhes *telos*, pois só há definição se há *telos* e se há sentido.

De uma determinada maneira, todo dizer das coisas é um submeter das coisas. Só pode surgir saber propriamente falando com um afastamento da natureza; pois, se com esta os homens fossem plenamente coadunados, não haveria necessidade de conhecê-la tal qual o faz a ciência e a filosofia. Este afastar talvez advenha do observar ou do espanto, ou, ainda, dos dois; de fato, isto nunca se poderá saber. Pelo fato de o mundo preexistir ao homem, quando o homem diz das coisas é como se ele as enquadrasse ou as reescrevesse no interior de seu próprio saber, não as permitindo vicejar por si, pois o fim de todo saber não pode ser outro que o dominar; afinal, será que o sentido grego de *philosophía*, “amor ao saber”, se sustenta? Será que por puro “altruísmo” o homem quis conhecer coisas tão abstratas? Coerentes com nossa posição, dizemos que não, pois situamos a filosofia no mundo dos homens, mostrando sua emergência enquanto acontecimento histórico. Aristóteles, como contra-exemplo, tem de recorrer a uma “vontade de saber” para explicar o porquê dos homens inventarem esta coisa, a filosofia. Além disso, o esforço necessário para pensar a *physis* não é pouco; uma simples curiosidade ou um simples “amor” ou o puro espanto não sustenta este esforço; se a filosofia pretende conhecer tudo, só pode ser por interesses que não diretamente epistêmicos, mas que, sendo epistêmicos, se ligam a outrem.

Esta interpretação é reforçada pelo próprio Aristóteles, pois, para este, a filosofia é a ciência teórica das causas primeiras. Por saber daquilo do qual tudo é efeito, a filosofia é a ciência das ciências, à qual todas as outras, que tratam das causa particulares, devem se submeter: o particular está inscrito no geral. Assim a filosofia não se subordina ao útil, pois o útil, ou as suas ciências, devem a ela se subordinar. “É

pois com direito que a filosofia é também chamada ciência da verdade: o fim da ciência especulativa é, com efeito, a verdade, e o da ciência prática, a ação; porque, se os práticos consideram o como, não consideram o eterno, mas o relativo e o presente” (ARISTÓTELES, 1979, p. 39); é com base na verdade, que é direito da filosofia dizer como as demais ciências do útil, as técnicas, devem agir; neste sentido bem específico é que identificamos a filosofia como técnica do ser, da totalidade dos entes.

Dizer a verdade. Hoje soa forte tal expressão. Para Aristóteles dizer a verdade é dizer a causa primeira, *physis*. No entanto, a verdade não se dá e assim fica; quem diz a verdade se posiciona dentro da estrutura social, exerce uma função social precisa. Por exemplo, o juiz, em um julgamento, diz a verdade dos fatos: quem fez tal coisa, ou quem mente e quem é verdadeiro em sua posição. O perito diz a verdade, pois estabelece o que ocorre, quais as causas, quais os meios de contornar um problema. Também os inquisidores diziam a verdade. Também dizia a verdade aqueles que defendiam (e ainda hoje defendem) medidas de higiene social. Os nazistas, os psiquiatras, os moralistas, a KKK, os imperialistas no século XI, XIX, XX, XXI, os especuladores financeiros, etc. Nosso objetivo com essa gama de verdades é só um: mostrar como a verdade não cessa em si, que ela, antes de qualquer coisa, depende de força para se firmar, que ela é dita em uma sociedade. Giordano Bruno dizia uma verdade, mas que, sem força, fê-lo crepitar com a lenha. A verdade serve, antes de qualquer coisa, para justificar. Sócrates foi acusado, se defendeu com aquilo que chamou de verdade, mas, engoliu o veneno, porque outra verdade, com força, se fez firmar, ainda que por pouco tempo, pois seus acusadores ou foram mortos ou exilados ou se suicidaram; isto só vem mostrar como a verdade depende de força. Só há verdade se há força social que a sustente como tal e que dela extraia efeitos práticos, efeitos de poder. Mas, em que termos não se diz a verdade somente em se dizer? Este texto diz uma verdade, etc... Talvez, esta posição possa levar a um relativismo extremo, que, no fim das contas, acaba por também justificar. Talvez, mesmo, esta posição já esteja hoje no mundo, com força que a sustente. Se há como fugir dela, não sabemos. Ou, ainda, seja próprio da verdade justificar, e, também, ser verdade hoje e não ser amanhã, o que enterra qualquer platonismo; verdade que devêm, que é do mundo e pode um dia ser apenas lembrança ou constar na história da ciência como erro ou como não-mais-verdade, pois foi.

Portanto: a filosofia se pôs, em suas origens, enquanto saber de todos os saberes, e que os subordina, pois dizendo das causas mesmas, determina seus efeitos; também,

quem sabe a causa sabe o efeito, por isso a filosofia diz do *telos* do ente, pois diz de suas causas, do ser. Se ela não deseja descer ao útil, para subir ao perene, o faz tão-somente para basear a investigação do útil. De fato, prova a história das ciências que da união entre este saber especulativo da totalidade com as técnicas e as artes (em sentido greco-renascentista), surgiram as modernas ciências empírico-tecnológicas; aonde estas nos levaram, hoje podemos dizer.

A filosofia é um pensamento da dominação. Esta era nossa hipótese. Mostramos como a filosofia se origina da técnica, ao nela se inspirar, e como a própria técnica pensando a dominação dos entes, é dominada no interior das sociedades onde se originou. Originada desta e do ócio dos ricos, a filosofia expressa, portanto, seja uma dominação do ente seja a dominação de um grupo social; além, sendo grega, mostramos como os próprios gregos, enquanto povo e *pólis*, originam-se da dominação. Este é o primeiro sentido da dominação.

O segundo, a filosofia pensando a dominação, possui também dois sentidos, um baseando o outro. Pois, conquanto todo saber seja maneira humana de submeter e de dominar as coisas do mundo, rendendo-as a uma concepção humana, a filosofia se propôs como o próprio saber, o saber mais verdadeiro: a ciência por excelência; disto, a dominação da totalidade do ser, a dominação por excelência. O outro sentido; tendo a filosofia tomado corpo no interior da democracia grega, e esta sendo exercida pelos *eupátridas* na *ágora*, havia uma figura interessante que vale relembrar: o sofista. Estes rivais dos socráticos, eram filósofos que ensinavam filosofia, retórica e política mediante pagamento. Ao contrário do que diz o senso comum, a democracia foi fruto de fortes pressões populares, especialmente por parte dos camponeses pobres, *diacrianos*; neste contexto, a dominação de um grupo sobre outro passou a depender do bom desempenho na *ágora*. Ora, era aos ricos que os sofistas ensinavam, pois estes podiam pagar para aprender; além de qualquer ética política ou moral, os sofistas tão-somente se ocupavam em ensinar técnicas de convencimento e pensamento, já que, sendo sua máxima “o homem é a medida de todas as coisas”, não haveria motivos para se preocupar com éticas, morais ou políticas; sendo o mundo absoluta relatividade, como julgar o próximo? Somente a partir de outra medida, de outro homem. É sabido que Protágoras, a expressão maior da sofística, inspirou-se em Heráclito, que é dado por alguns como o pensador originário da filosofia; deste modo, este aspecto “*ágorico*” da sofística seria a expressão prática do *logos* heraclítico. O pensamento daquele que deu o fogo como *physis*, desaguou na sofística: arte da dominação na democracia. Não nos

esqueçamos, também, de Maquiavel e de Hobbes, de Agostinho e Tomás de Aquino, de Hegel, de Popper, Heidegger, etc. de toda uma sorte de filósofos que se propuseram a defender o *status quo*.

Devemos notar, no entanto, que a filosofia não é o eterno dizer do mesmo, mas, histórica, muda e se reorienta. Se nasce como saber da dominação e pela dominação, isto não significa que sempre a dominação, ao menos em um sentido, a orientará. De fato, no correr de seus anos por vezes a filosofia foi contrária à ordem das coisas humanas dadas, contra elas se colocando e inspirando os homens em ações contrárias a esta ordem. Mas, esta origem baixa da filosofia não pode ser esquecida; cantar-lhe como beleza pura sempre será possível; mas tal atitude seria anti-filosófica por excelência, pois não pode o filósofo fugir de si mesmo e de suas origens; pelo contrário, se encarando, e vendo a que seu saber já se prestou, àqueles que a tal uso se opuserem, podem evitá-lo ou tentar ao menos; se é verdade que existiram filósofos submissos aos poderosos, que pensaram a fundo a dominação, também existiram La Boétie, Hume, Rousseau, Godwin, Marx, Marcuse, Castoriadis, Foucault, Deleuze, etc., que também pensaram a dominação, mas em como cessá-la ou enfraquecê-la.

### Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. *Metafísica livros I-II*. SP-SP: Abril Cultural, 1979.
- FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro-RJ: NAU, 3ª edição, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2005.
- FARRINGTON, B. *A ciência grega e o que ela representa para nós*: São Paulo: Ibrasa, 1961.
- FINLEY, M.I. *Uso e abuso da história*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- GUARINELLO. *Imperialismo Greco-romano*. São Paulo: Ática, 1994.
- HEIDEGGER, M. *Qu'est-ce que la philosophie?*. Paris-França: Gallimard, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Introducción a la Metafísica*. Buenos Aires: Nova, 1959.
- SOUZA, J. C. *Pré-Socráticos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

### Felipe Luiz

Felipe Luiz “Guma” é bacharelando em Filosofia na UNESP-Marília. Militante do movimento estudantil; Estudou História na UNESP-Franca e Direito na UNIFRAN; principiou os estudos em Filosofia de forma autodidática.

E-mail: [gumapoldo51@yahoo.com.br](mailto:gumapoldo51@yahoo.com.br)